

Apresentação

Religiões e História do Tempo Presente no Brasil

Religions and History of the Present Time in Brazil

*Waldney de Souza Rodrigues Costa**

*Diego Omar da Silveira***

 <https://doi.org/10.29327/256659.13.2-1>

A cada nova edição, os dossiês da *Plura* têm buscado dar conta das muitas possibilidades de pesquisa no campo dos estudos de religião no Brasil, sempre revelando, com alguma acuidade, o avanço dos debates em uma perspectiva interdisciplinar – teórica e metodologicamente diversificada. Mas o conjunto de trabalhos reunidos nesse volume ganhou certamente uma dimensão singular, já que o momento da recepção dos artigos e edição dos textos foi marcado por um intenso entrecruzamento de eventos religiosos e políticos que, ao mesmo tempo, mobilizaram aspectos variados de nossa formação social e religiosa e cujos desdobramentos são ainda difíceis de mensurar.

Se, como bem observaram Serge Berstein e Pierre Milza (1999, p. 127) há quase três décadas, “a história do tempo presente é primeiramente e antes de tudo história”, tivemos a oportunidade de experimentar ao longo dos últimos anos em nosso país a emergência de um contexto no qual a fé tem sido amplamente convidada a fazer-se presente na esfera pública, encenando uma consciência maniqueísta, de guerra santa, de radicalização dos discursos e de afirmação de práticas excludentes. A suposição de um “Deus acima de todos”, que estaria a guiar um projeto nacional da maioria cristã, ressuscitou pautas morais que pareciam adormecidas por uma relativa modernização e, até mesmo, o pavor do “perigo comunista”, tão característico dos tempos da guerra fria.

Do ponto de vista teórico, a maioria dos artigos que compõem o dossiê se debruça, assim, não apenas sobre os problemas já consolidados da história do tempo

* Doutor em Ciência da Religião pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Professor e chefe do Departamento de Ciências da Religião da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). E-mail: professordney@gmail.com.

** Mestre em História pela Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP) e doutorando em Antropologia Social pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Professor do Centro de Estudos Superiores de Parintins (CESP) da Universidade do Estado do Amazonas (UEA). E-mail: diegomarhistoria@yahoo.com.br.

presente, a saber, as dificuldades com as periodizações, as aproximações com os ofícios dos jornalistas, a falta de distanciamento e multiplicação das fontes (inclusive as não-convencionais) disponíveis (Chauveau; Philippe, 1999), além do uso cada vez mais extensivo de relatos orais e de uma discussão teórica mais detida sobre a memória e o testemunho (Ferreira, 2000). Mais do que isso, as pesquisas recolocam em debate os problemas de mensuração do tempo histórico em uma sociedade em aceleração e as novas possibilidades de análise e intervenção que historiadores e demais cientistas sociais têm desenvolvido em seus “arsenais teórico-metodológicos” (Padrós, 2004, p. 202) para analisar processos ainda em curso, mas que recolocam em questão as vinculações tanto com o passado quanto com a capacidade que as sociedades têm de imaginar seus projetos de futuro (Lohn; Campos, 2017).

Trata-se, portanto, muito mais de reavaliar os pesos do passado sobre o presente, os seus “usos sociais” e as dificuldades de lidar com passados traumáticos e memórias silenciadas do que de apenas questionar a institucionalização de um novo campo e de seus procedimentos próprios (Delacroix, 2018). Como bem observou François Dosse (2012, p. 06), o avanço da reflexão sobre esse tema tem encaminhado novas “perguntas sobre o presentismo e sobre o problema da não contemporaneidade do contemporâneo”, o que nos permite questionar “se não teríamos entrado em um novo regime de historicidade”, marcado, como diria François Hartog por um presente “que reina aparentemente absoluto, ‘dilatado’, suficiente, evidente”, mas que, não obstante “mostra-se inquieto” e inseguro; preso nas dinâmicas da *memória*, do *patrimônio* e das *comemorações* (Hartog, 2013, p. 156).

Tendo deixado de ser uma novidade, a história do tempo presente aqui problematizada surge agora em sua dimensão mais densa, em que “a crise do futuro deixa cada vez mais indeterminado o que deve ser dignificado como histórico, gerando daí a indistinção daquilo que pode acionar o horizonte de expectativa” (Dosse, 2012, p. 09-10). Por isso também, alguns autores/as que colaboraram com esse número de nossa Revista não escondem algum espanto diante da recuperação quase caricatural de alguns elementos do passado que, descontextualizados, servem a propósitos alheios à construção de sociedades democráticas. No campo religioso brasileiro, esses exemplos não cessam de se multiplicar, muito embora Arnaldo Huff (2008) já tenha indicado, há mais de dez anos, algumas tendências que parecem ainda atuais, como a de pluralização e diversificação (que corresponderiam à incorporação de componentes modernos às nossas experiências, como liberdade religiosa e desfiliação ou trânsito religioso) ao passo em que também crescem os movimentos em sentido inverso, de homogeneização, baseados em certo cli-

ma espiritualista, com composições mais ou menos inusitadas e até mesmo a “sobreposição de paradigmas pós-modernos, modernos e pré-modernos”. O que corrobora as constatações de Pierre Sanchis de “que no Brasil o sagrado cristão (religião) e o segredo pagão (magia) convivem com certo equilíbrio” (*apud* Huff, 2008, p. 51).

Como o leitor poderá verificar, tais questões já estão presentes na entrevista realizada pelos editores da *Plura* com o professor André Ricardo de Souza, coordenador do Núcleo de Estudos de Religião, Economia e Política (NEREP) da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Pontuam a conversa, os desafios mais atuais da pesquisa sobre diferentes aspectos do Cristianismo no Brasil, com foco no entrecruzamento de algumas de suas vertentes e instituições com práticas econômicas e assistenciais.

Abrindo o dossiê, o artigo de Marcelo Camurça traça um panorama sobre *a História do Tempo Presente e os estudos de religião no Brasil*, a partir das experiências desse pesquisador no Programa de Pós-Graduação em História da UERJ em correlação com a sua vasta produção no campo não apenas da historiografia, mas das ciências sociais da religião no Brasil.

Na sequência, dois textos abordam os aspectos mais conservadores do cristianismo em nosso país. Em *Batinas reacionárias e a cruzada digital: Quando um catolicismo claudicante chega ao tempo presente*, Emerson José Sena da Silveira mergulha em uma forma reacionária-clerical do catolicismo presente no mundo digital para produzir uma instigante indagação sobre os significados da ação tradicionalista católica nas redes, especialmente no YouTube. Já Rodrigo de Sá Netto investiga as *Afinidades entre a ditadura de 1964 e o anticatolicismo de evangélicos conservadores* em sua relação com a hegemonia capitalista norte-americana.

Ainda na mesma perspectiva, *“Uma luta do bem contra o mal”: a instrumentalização da agenda moral na eleição estadual paranaense*, de autoria de Brandon Lopes dos Anjos e Frank Antonio Mezzomo, discute como candidatos evangélicos mobilizaram um discurso belicoso durante a campanha ao legislativo paranaense em 2018, sobretudo em torno da normatização de padrões familiares, da regulamentação das práticas educativas e do controle dos direitos sexuais e reprodutivos da mulher. Da mesma forma, Aline Beatriz Coutinho, Stella Garrido e Marcela Boni Evangelista apresentam uma pesquisa sobre o protagonismo da ministra bolsonarista Damares Alves na *mobilização evangélica contra os direitos reprodutivos de mulheres e pessoas com útero no século XXI*, em um contexto de crescente sobreposição entre moral religiosa e gestão de políticas públicas no âmbito federal.

Fechando o dossiê, três artigos que apontam para as críticas às concepções de mundo mais conservadoras. *Dos tetos sem nossos nomes: décadas ecumênicas, ação de mulheres e disputa histórica*, de Tatiane dos Santos Duarte, indica histórias ainda por serem contadas sobre o ecumenismo, agora sobre o ponto de vista feminino. Marcelo Martins Barreira, por sua vez, analisa a política cultural da produtora de vídeo *Porta dos Fundos*, em especial pelo eixo da temática religiosa, tão desafiadora para a laicidade no Brasil. Por fim, Jones Faria Mendonça e Thiago da Silva Pacheco apresentam em *Colonialidade de poder e religião: repercussões no tempo presente*, uma leitura de como antigas estruturas herdadas do período colonial – cuja matriz ideológica é a colonialidade – ainda produzem reflexos no tempo presente, provocando desigualdade, exploração, discriminação e preconceito religioso.

Entre os artigos de temática livre, estão “*No meu cardápio, reescrever o destino*”: *religião e práticas alimentares na Seicho-no-Ie do Brasil*, de João Paulo de Paula Silveira, que apresenta as coordenadas alimentares propostas por essa nova religião de origem japonesa que se estabeleceu no Brasil nos anos de 1930, em especial as formas pelas quais nela se associa a alimentação ao destino individual e ao aperfeiçoamento espiritual, especialmente por meio da abstenção de pratos à base de carne; e *Mover Inclusivo no Brasil: notas iniciais sobre a organização coletiva de igrejas inclusivas brasileiras (2011-2018)*, de Alisson Cruz Soledade e Athayssi Colaço Gomes, cujo foco é a participação na esfera pública de pessoas e comunidades religiosas evangélicas identificadas por dissidências sexuais e de gênero.

Na sequência dois artigos se debruçam o sobre a relação entre religião e educação, mais especificamente sobre o Ensino Religioso. Marcelo Brandão Araujo aborda as *disputas, controvérsias e o isolamento pedagógico do Ensino Religioso no Rio de Janeiro*, enquanto Alexandre Camelo Tavares busca compreender as *orientações curriculares e as novas implementações no município de Vila Velha (ES)*.

No último artigo desse número, intitulado *Vínculos, cónyuges y pertenencias: un estudio cualitativo en matrimonios de diferentes religiones en Buenos Aires*, Agustina Adela Zaros explora as características e as condições em que casais compostos por evangélicos, judeus, muçulmanos e católicos se conheceram em Buenos Aires e o papel da fé religiosa na eleição de um futuro cónyuge.

As resenhas retomam discussões caras aos autores/as que compõem o dossiê e analisam textos que ajudam a compreender a história em curso no Brasil dos dias atuais. Stella Fátima Coelho Garrido apresenta de forma bastante didática as

formas pelas quais o livro de Fábio Py pode elucidar a emergência do *governo cristofascista de Bolsonaro*. E Valéria Cristina Lopes Wilke nos mostra como o texto de Adela Cortina sobre *Aporofobia* pode nos servir na compreensão da indiferença ou da rejeição aos mais pobres, o que no limite implica na *morte social* ou mesmo *física do outro*.

Com esta edição, a nossa *revista de estudos de religião* também encerra mais um ciclo da ABHR, que agora já é oficialmente a Associação Brasileira para Pesquisa e História das Religiões. Junto com a nova diretoria, assumirá em 2023 uma nova Comissão de Redação, que segue levando adiante nossos mesmos propósitos de fazer avançar a produção de conhecimentos e a circulação de informações acadêmicas em nosso campo de estudos. Desejamos a tod@s uma boa leitura e convidamos aos interessad@s a colaborar conosco nos próximos números da *Plura*.

Referências bibliográficas

- BERSTEIN, Serge; MILZA, Pierre. Conclusão. CHAUVEAU, Agnès; TÉTARD, Philippe (org.). *Questões para a história do presente*. Trad. de Ilka Stern Cohen. Bauru: EDUSC, 1999. p. 127-130.
- CHAUVEAU, Agnès; TÉTARD, Philippe (org.). *Questões para a história do presente*. Trad. de Ilka Stern Cohen. Bauru: EDUSC, 1999.
- DELACROIX, Christian. A história do tempo presente, uma história (realmente) como as outras?. *Tempo e Argumento*. Florianópolis: UDESC, v. 10, n. 23, jan./mar. de 2018. p. 39-79.
- DOSSE, François. História do Tempo Presente e historiografia. *Tempo e Argumento*. Florianópolis: UDESC, v. 4, n. 1, jan./jun. de 2012. p. 05-22.
- FERREIRA, Marieta de Moraes. História do tempo presente: desafios. *Cultura Vozes*. Petrópolis: Vozes, v. 94, n. 3, maio/jun. de 2000. p.111-124.
- HARTOG, François. *Regimes de historicidade: presentismo e experiências do tempo*. Trad. de Andréa Souza de Menezes (et. al.). Belo Horizonte: Autêntica, 2013.
- HUFF JÚNIOR, Arnaldo Êrico. Campo religioso brasileiro e história do tempo presente. *Cadernos CERU*. São Paulo: USP, v.19, n. 2, 2008. p. 47-70.
- LOHN, Reinaldo Lindolfo; CAMPOS, Emerson Cesar de. Tempo Presente: entre operações e tramas. *História da Historiografia*. Ouro Preto: UFOP, n. 24, agosto de 2017. p. 97-113.
- PADRÓS, Enrique Serra. Os desafios na produção do conhecimento histórico sob a perspectiva do Tempo Presente. *Anos 90*. Porto Alegre: UFRGS, v. 11, n. 19, 2004. p. 199-223.